

Resposta encaminhada pelo candidato a deputado estadual na Bahia Antonio Rosalvo (PSDB) à **Agência Pública de Jornalismo Investigativo**, em 25 de agosto de 2026. Posicionamento faz referência à reportagem: Na urna com o ex: Rivals históricos se unem por espaço e poder nas eleições 2026.

“Primeiro, acho importante esclarecer um ponto sobre a campanha de 2024. Em nenhum momento afirmei que iria “tapar a boca” de Débora Régis no sentido literal, muito menos fiz qualquer defesa de violência contra uma mulher. A expressão foi utilizada dentro de um contexto de debate político e administrativo.

Naquele momento, havia uma crítica forte e legítima sobre a quantidade de buracos existentes nas ruas de Lauro de Freitas. O que eu disse, no contexto daquela discussão, foi que, com a chegada do asfalto e a recuperação de mais de vinte ruas do município, nós iríamos “tapar os buracos” e, conseqüentemente, responder ou “calar” aquela crítica política com trabalho e resultado. Era uma figura de linguagem relacionada à disputa política e à resposta administrativa que estávamos dando. Qualquer interpretação de que eu estivesse defendendo agressão, violência ou que pretendesse literalmente “tapar a boca” de uma mulher não corresponde ao que quis dizer.

Também não pretendo apagar ou negar os embates ocorridos em 2024. Foi uma eleição extremamente disputada, com momentos de muita tensão e divergências profundas entre os grupos políticos.

Inclusive, quando ocorreu aquele grave episódio envolvendo um disparo de arma de fogo que atingiu um apoiador nosso, minha manifestação pública naquele momento foi justamente no sentido contrário à violência: pedi calma e defendi que nenhuma disputa eleitoral justificava violência de qualquer natureza. Independentemente das divergências existentes e da apuração das responsabilidades pelas autoridades competentes, minha posição foi de que a política precisava permanecer no campo democrático.

A eleição terminou. Débora venceu, o resultado das urnas foi soberanamente respeitado por mim, e acredito que uma das demonstrações de maturidade democrática é compreender que adversários em uma eleição não precisam se transformar em inimigos permanentes.

Política não pode ser construída com ressentimentos eternos. Se fosse assim, praticamente nenhuma composição política seria possível. Em uma democracia, pessoas que estiveram em campos diferentes podem, em outro momento, encontrar pontos de convergência em torno de determinados projetos.

E existe uma questão fundamental para compreender a minha trajetória política: o meu lado sempre foi o lado do povo e de Lauro de Freitas.

Ao longo da minha vida pública, já passei por diferentes partidos e diferentes momentos políticos. Já estive no PFL, PSDB, Rede, PP e PT e, agora, novamente no PSDB. Nunca escondi essa trajetória. Partido político é um instrumento democrático para viabilizar projetos e candidaturas, mas não pode estar acima dos compromissos assumidos com a população.

Meu compromisso maior não é com uma sigla. É com as pessoas e com a cidade onde

construí minha história.

Sempre procurei dialogar com a população e tomar minhas decisões políticas pensando naquilo que considero melhor para Lauro de Freitas. Meu projeto político está diretamente ligado à melhoria da nossa cidade, à defesa dos interesses de sua população e à busca por mais investimentos, desenvolvimento e oportunidades.

Por isso, não tenho dificuldade de dialogar com quem ontem esteve em um campo político diferente do meu quando existe hoje uma possibilidade concreta de convergência em benefício da cidade.

Eu continuo tendo minha história, minhas posições, minha identidade e, principalmente, minha independência. Não renunciei às minhas convicções nem estou tentando reescrever o que aconteceu em 2024.

O que existe hoje é uma convergência política em torno de um novo momento.

Entendo que Lauro de Freitas precisa recuperar sua capacidade de diálogo e fortalecer sua representação política. Quando existe a possibilidade de construir algo que consideramos positivo para o município e para a Bahia, acredito que temos a obrigação de colocar o interesse coletivo acima das divergências pessoais de uma eleição que já terminou.

Portanto, não vejo contradição em ter disputado uma eleição duramente contra Débora em 2024 e, dois anos depois, dialogar politicamente com o grupo que ela representa. Pelo contrário: considero isso parte natural da democracia.

Eu não mudei de lado. Meu lado continua sendo Lauro de Freitas e o seu povo.

Não estou entrando nessa aliança para apagar o passado. Estou fazendo uma escolha política olhando para o futuro.

Em 2024, cada um defendeu seu projeto, houve divergências, críticas e uma disputa eleitoral intensa. A população decidiu nas urnas. Agora estamos em 2026, diante de uma nova eleição, de novas circunstâncias e de novos desafios.

Tenho maturidade suficiente para reconhecer as divergências do passado sem permitir que elas impeçam o diálogo no presente. Da mesma forma que espero que qualquer pessoa que esteja na vida pública tenha essa capacidade.

Na política, sempre me considerei um soldado de Lauro de Freitas, com disposição para estar onde for necessário quando o objetivo for defender os interesses da nossa cidade e da nossa população.

Não tenho projeto político baseado em alimentar conflitos pessoais. Tenho um projeto de cidade. Quero contribuir para que Lauro de Freitas tenha força, respeito, investimentos e representação política à altura da importância que possui na Bahia.

A eleição de 2024 ficou para trás. O que não pode ficar para trás é Lauro de Freitas.

É olhando para o futuro, respeitando as diferenças, preservando minha independência e colocando os interesses da nossa cidade acima das disputas pessoais que sigo

construindo meu caminho.

Porque partidos e circunstâncias políticas podem mudar ao longo do tempo. O que não muda é o meu compromisso com Lauro de Freitas e com o seu povo”.